



## **Desafios éticos para criar sensibilidade e respeito pela vida**

### **Ethical challenges to create sensitivity and respect for life**

Roque Strieder<sup>1</sup>  
Tarcisio Cecato<sup>2</sup>

*O Prometeu definitivamente  
desacorrentado, ao qual a ciência  
confere forças antes inimagináveis e a  
economia o impulso infatigável, clama  
por uma ética que, por meio de freios  
voluntários, impeça o poder dos homens  
de se transformar em uma desgraça  
para eles mesmos.*

Hans Jonas

#### **Resumo**

O estudo tem como propósito discutir, mesmo que de forma inconclusa, a importância de uma ética para a vida, em substituição às éticas abstratas e antropocêntricas. Ele encontra-se estruturado em dois momentos: no primeiro destacam-se a necessidade de diferentes concepções éticas para com a vida. No segundo as reflexões enfocam o fortalecimento e a responsabilização da ação humana, visto que o ser humano, cada vez mais, precisa pensar de forma sistêmica as suas ações, planejar estrategicamente o seu estar aqui, presente e futuro. Nele são discutidos aspectos relacionados a atitudes educacionais, voltadas ao reconhecimento da necessidade dos humanos refletirem sobre seu modo de ser e agir. Conclui-se que a educação, como estratégia formativa, permite imaginar-se no lugar do outro, no lugar de outras formas vivas, para então respeitar a arte dos recursos naturais que viabilizam a vida.

<sup>1</sup> Doutor em Educação. Vinculado à área de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Oeste de Santa Catarina, UNOESC. Email: roque.strieder@unoesc.edu.br

<sup>2</sup> Mestrando em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina, UNOESC. Email: tarcecato@gmail.com

**Palavras-chave:** Educação; Ser humano; Ética; Respeito; Vida.

### **Abstract**

The study aims to discuss, even if it is inconclusive, the importance of an ethics for life, in substitution of the abstract and anthropocentric ethical. That is structured in two phases: the first highlights the need for different ethical views towards life; in the second, the reflections focus on the empowerment and accountability of human action, as humans increasingly need to think systemically their actions, strategically plan their being here, present and future. There are discussions related to educational attitudes, directed to the recognition of the human need to reflect on his way of being and acting. It can be concluded that education, as a formative strategy, allows you to imagine yourself in another's place, in place of other forms of life, and then respect the art of natural resources that enable life.

**Keywords:** Education; Human being; Ethics; Respect; Life.

## **1 Considerações iniciais**

Diante das problemáticas ambientais contemporâneas, também aquelas resultantes das relações de desrespeito do ser humano para com as formas vivas, inclusive a sua, cabem algumas reflexões de caráter educativo e ético. O propósito desse estudo bibliográfico, fundamentado basicamente em Hans Jonas (2006), Latouche (2009), Humberto Maturana et al (2009), Nadja Hermann (2011) entre outros, é refletir sobre possíveis ações educativas no sentido de contribuir para a consolidação de uma ética de respeito às mais variadas dimensões da vida.

Atualmente, prevalece, nos ditames das condutas humanas, sejam na esfera da educação, do poder, das biociências entre outras, uma ética de cunho estritamente mercantilista. Trata-se de uma ética, em termos quantitativos e financeiros, que transforma vidas, bens materiais e bens de serviço em produtos comercializáveis, independente do significado qualitativo e de dignidade. O estudo encontra-se estruturado em dois momentos: no primeiro destaca-se a necessidade de diferentes concepções éticas para com a vida. Buscam-se subsídios para uma abordagem ética com enfoque que transcende as relações entre humanos, estendendo-a para uma ética da vida, considerando que todos os seres vivos se encontram na mesma condição de respeito. Isso significa também uma recusa da hierarquização da vida. É uma oportunidade para refletir sobre a importância da vida, considerada em seu próprio contexto existencial

com indicativos de implicações, em caso de sua não permanência.

No segundo momento as reflexões enfocam o fortalecimento e a responsabilização da ação humana, visto que o ser humano, cada vez mais, precisa pensar de forma sistêmica as suas ações, ou seja, planejar estrategicamente o seu estar aqui, presente e futuro. Aqui, para além do repensar o modo de vida presente, importa refletir e projetar o modo de vida possível e desejável para as futuras gerações. Um modo de vida resultante de fazeres humanos de respeito à vida ou resultantes da insistência na degradação dos espaços que permitem a vida.

Nesse momento serão, então, discutidos aspectos relacionados a atitudes educacionais, voltadas ao reconhecimento de que os seres humanos são capazes de refletir sobre seu modo de ser e de agir. Ao propor-se essa dimensão reflexiva parte-se do reconhecimento de que, como seres históricos, se admite a fragilidade e insustentabilidade das ações de caráter puramente racionalista, exploratório e utilitarista, seja em relação aos recursos naturais ou das diversas formas vivas. Pretende-se reforçar a importância educativa de e em ações pautadas na colaboração e na convivência ética, como fontes de respeito e de vivência ética, esta como arte de viver.

## **2 Concepções éticas para a vida**

No contexto das biociências e, numa perspectiva ética, tem-se como pressuposto de que devemos respeitar a vida, não só a vida humana, como comumente a ética tradicional abrange, mas todas as formas de vida. Uma dimensão que implica respeito à vida em toda sua dinâmica, seus equilíbrios e também na transformação organizativa do caos que a constitui e permite sua evolução e conservação e, em momentos, a sua redução ao desaparecimento. Para as biociências, a vida é entendida e vivenciada para além do dualismo reducionista do “bem” ou “mal”, do útil ou inútil, mas constituída em complexidade não explicável às reduzíveis relações de poder, lucro ou exploração.

Importa reconhecer que, historicamente, relações de poder e lucro nos tornam cegos para as concretas dimensões dos problemas contemporâneos de desrespeito à vida. E, diante dessa cegueira, que não é “aparente”, os resultados das escolhas, com base na ciência e na tecnologia, nem sempre refletem aquilo que efetivamente desejamos como qualitativos para nossas vidas.

Para elucidar formas de agir, baseados no respeito à vida, em substituição aos fazeres manipulativos, se faz necessário conhecê-la em sua complexidade e dinâmica, ou seja, aprofundar o entendimento que temos da vida. Os conhecimentos construídos no século XX, segundo Eigen (apud MURPHY e O'NEILL, 1997) possibilitam compreender a organização e função das células do ponto de vista molecular. Também houve avanços importantes na descrição das implicações resultantes das perturbações na organização viva e nas funções, quando manifestas como sintomas clínicos. Porém, questões relacionadas à complexidade dos processos vitais e comportamentais resultantes, ainda não são possuidoras de concepções satisfatórias.

As ciências biológicas passaram a construir concepções mais abertas para discernir, com maior profundidade, as coerências estruturais da vida e do viver. Como ciência mais próxima da vida em si, ela busca compreender as inter-relações entre os seres vivos e ocupa, ao mesmo tempo, um lugar marginal e central, conforme destaca Saint-Jacques (1970 *apud* MONOD, 2002, p. 9).

Marginal na medida em que o mundo vivo constitui apenas uma parte ínfima e muito «especial» do universo conhecido, de tal sorte que o estudo dos seres vivos não parece deva jamais manifestar leis gerais, aplicáveis para além da biosfera. Mas se a ambição última de toda a ciência é bem outra, como creio, a de explicar a relação do homem com o universo, então será necessário reconhecer à biologia um lugar central, visto que é, de todas as disciplinas, aquela que tenta ir mais directamente ao cerne dos problemas que será necessário ter resolvido, antes de podermos formular os de «natureza humana» em outros termos que não os metafísicos.

Há, pois um lugar central da biologia, fundamental para o entendimento das relações humanas de interdependências com outras formas vivas e com o universo. Porém, no contexto das biociências, o entendimento das relações entre humanos, dos humanos para com as demais formas vivas, bem como dos humanos para com o ambiente natural, parte do pressuposto de que o que nos faz viver são o contexto e a dinâmica dessas inter-relações, entre seres vivos e não vivos. Nessas inter-relações, é importante o respeito à coerência da estrutura natural, presente no universo. Esse princípio de respeito, se inerente ao agir humano, pode evitar que a pura lógica da tecnociência persista desencadeando a exploração destrutiva e, conseqüentemente, o distanciamento e a fragilização daquilo que permite viver. As biociências tem sido “a mais significativa de todas as ciências; a que, sem dúvida, contribuiu já, mais que nenhuma outra, para a formação do pensamento moderno, profundamente perturbado e definitivamente marcado em todos os domínios: filosófico, religioso e político, pelo

advento da teoria da Evolução” (SAINT-JACQUES, 1970 *apud* MONOD, 2002, p. 9). No campo da filosofia, por exemplo, aparecem características marcantes quando Nietzsche “mata deus”, o que significa uma retomada do olhar reflexivo sobre a vida humana e sobre as ações humanas em relação às demais formas de vida existentes no planeta, ao buscar se manter fiel à terra, especialmente em “Assim falava Zaratustra” (NIETZSCHE, 1989).

A decretação da “morte de deus” provoca rupturas nas relações transcendentais e de domínio religioso abrindo possibilidades para o entendimento de experiências de vida com base nas coerências dessas experiências de vida como seres humanos. A substituição do teocentrismo absolutista requer novas bases teóricas e práticas relacionais para com as questões ligadas à natureza. São circunstâncias inovadoras que clamam pelo reconhecimento de que a importância da conservação de atitudes de respeito para com os recursos da natureza (ou outras formas de vida, pela qual a vida humana também o é), como potencializadoras da permanência humana na terra, são de inteira responsabilidade dos seres humanos.

Porém, ainda nos primórdios da modernidade o rompimento da relação humana-natureza foi inevitável, pois num mundo dominado pela razão não haveria espaço para dimensões e necessidades da natureza humana como ser emocional e sensível.

Assim, dimensões culturais, sociais e políticas, tornam-se fontes que concebem e discutem as bases humanas capazes de dinamizar a tomada de decisões “democráticas” no que diz respeito às questões ligadas às tecnociências, sua lógica instrumental e seus impactos sobre a ecologia e a vida. Diferentes culturas e diferentes políticas, também da ordem de produção de bens materiais e bens de serviço, possibilitaram diferentes tecnologias para diferentes dimensões relacionais e de coexistência com as outras formas vivas e com os recursos naturais. E, diante dessas realidades variáveis, grande parte das discussões no âmbito cultural e político, em relação às vivências éticas de respeito à vida, continuam tímidas. O curso da história humana, conservado ao longo da modernidade, prioriza um modo de viver no qual a vida não é central e nem fundamental (JONAS, 2006).

Capitaneados por pressupostos econômicos vivemos em domínios de não responsabilidade para com a vida. E, nesse contexto, muitas das decisões nas esferas políticas são tomadas tendo como vetor decisório a restrita solução para a crise econômico/financeira, sufocando e negligenciando sentimentos, o que desvirtua a vida.

Nessa lógica, de abuso a si mesmo, a outros seres vivos e à natureza, consolida-se a cultura centrada na dominação e na submissão, na apropriação e na manipulação mútuas. Nela, os líderes políticos que, no exercício do poder, não conseguem efetivar propostas econômicas de crescimento contínuo e ilimitado não são consistentes quanto ao tempo de permanência nos cargos (LATOUCHE, 2009).

O ser humano, em nome de sua comodidade baseada no racionalismo, acaba, consciente ou inconscientemente, destruindo o habitat natural de espécies vivas e, em consequência, inviabilizando a preservação e continuidade das mesmas. Rachel Carson (1962), em livro intitulado “Primavera Silenciosa”, denuncia a nociva ação humana, através do uso de substâncias químicas transformadas em determinantes absolutos de inviabilização readaptativa. Segundo Carson “para que a vida se ajustasse a estas substâncias químicas, seria necessário tempo, numa escala que é apenas da Natureza; requerer-se-iam não somente os anos da vida de um homem, mas também da vida de gerações” (1962, p. 17). As ações humanas de alguns anos de exploração exigem da natureza muitos anos de recuperação. Para ilustrar os feitos imediatos e futuros Carson relata, a título de situação fictícia:

[...] uma doença estranha das plantas se espalhou pela área toda, e tudo começou a mudar, algum mau-olhado fora atirado aquela comunidade: enfermidades misteriosas varreram os bandos de galinhas; as vacas e os carneiros adoeciam e morriam. Por toda parte se via uma sombra de morte. Os lavradores passaram a falar de muita doença em pessoas de suas famílias. Na cidade, os médicos se tinham sentido cada vez mais intrigados por novas espécies de doenças que apareciam nos seus pacientes. Registraram-se várias mortes súbitas e inexplicadas, não somente entre os adultos, mas também entre as crianças; adultos e crianças sentiam males repentinos, enquanto caminhavam ou brincavam, e morriam ao cabo de poucas horas (1962, p. 12).

Essa situação, descrita por Carson, pode ser indicativa de inúmeras situações similares, e, mesmo que fictícias, destaca a importância de se conhecer a vida na sua complexidade dinâmica e diversa, sem modelizações idealizadas.

No entanto, em contextos de diversidade também surgem vozes dissonantes. Vozes que apostam em mentalidades desejando superar a ganância e a desonestidade em favor de uma ética da vida. São vozes que apostam em soluções alternativas não mais focadas na lógica tecnocientífica, utilitarista e exploratória. Vozes que apostam numa proposta educacional capaz de lidar com a sensibilidade, significar a afetividade para criar imaginários e ações em prol de uma essência ética em favor da vida. Dentre outros citamos Latouche (2009, p. 4) que alerta, em livro intitulado “Pequeno tratado do decrescimento”, sobre a necessidade de utilização do *slogan* político “decrescimento”.

Segundo Latouche o “decrecimento” “tem como principal meta enfatizar fortemente o abandono do objetivo do crescimento ilimitado, objetivo cujo motor não é outro senão a busca do lucro por parte dos detentores do capital”. O alerta de Latouche é sobre a impossibilidade de continuarmos crescendo economicamente, com base nos princípios da exploração, da realização dos desejos de poder, de riqueza ou fama. Apostar no crescimento econômico, como verdade absoluta, significa conservar o caráter repressivo da razão ocidental, como recusa ao projeto da vida e desconhecimento da finitude ambiental.

Se compreendermos o alerta de Latouche, também nos damos conta de que o cenário das ações humanas é derivado de rupturas e evoluções históricas diante das práticas humanas de padronizar, controlar e explorar o mundo de relações. Mas, esse dar-se conta significa também tornar-se responsável por aquilo que fazemos, mesmo em contextos imprevisíveis, como destaca Monod (2002, p. 37): “a biosfera não contém uma classe previsível de objectos ou de fenômenos, mas constitui um acontecimento particular, certamente compatível, com os primeiros princípios, mas não *deduzível* desses princípios. Portanto, essencialmente imprevisíveis”. Assim, o modo de viver humano se realiza em contextos de complexidade, nos quais a diversidade, a dinâmica e a imprevisibilidade dinamizam mudanças naturais, produtivas e relacionais.

Pode-se entender que a aposta de Latouche, na impossibilidade do crescimento contínuo, tem como princípio de que a evolução da vida não obedece a uma constante idealizada, já que ela se encontra em contextos de deriva, afetada por determinismos e por interações nocivas ou saudáveis, congruentes com o ser de cada indivíduo em seu nicho existencial e ecológico. Essa deriva determinista é descrita por MORIN (1980, p. 97) ao afirmar que

Nada parece mais livre do que o pássaro no céu. Nada é mais autónomo do que o seu voo. E, no entanto, esta liberdade, esta autonomia, evidentes ao primeiro olhar, decompõem-se ao segundo olhar, o dum conhecimento que descobre os determinismos exteriores (ecológicos), inferiores (moleculares), superiores (genéticos), aos quais, finalmente, obedece o voo triunfante do pássaro. [...] Se o pássaro, que é livre aparentemente, é de facto teleguiado por necessidade enquanto voa ao acaso, que será do verme rastejante, da planta acorrentada e sobretudo da ínfima e enferma célula?

Para Monod (2002, p. 17) esses determinantes podem ser “exteriores, inferiores e superiores”, mas todos potencializam complexas mudanças nos modos de vida. São mudanças perceptíveis em condições naturais, porém, em espaços povoados e explorados pelo ser humano, causam influências, na maioria das vezes, fortemente

negativas, tais como mutações que podem levar ao extermínio de espécies, pela total inviabilização de readaptações.

Por isso, considera-se fundamental conhecer melhor as potencialidades, as limitações e os determinismos (MORIN, 1980) da vida para, então, conceber alternativas, não exploratórias, como garantia de permanência evolutiva. Cabe salientar que, nesse processo de conhecer, criamos nosso universo de relações e inter-relações de acordo com a leitura de mundo, como destacam Maturana et al (2009, p. 56),

Sabemos que com nosso viver geramos continuamente o mundo que vivemos, e que o mundo que geramos em nosso viver modifica recursivamente nosso viver e nosso conviver, constituindo uma antroposfera que como trama ecológica do conviver humano surge como parte integral da biosfera, numa dinâmica recursiva que não se detém nem se deterá, a não ser com nossa extinção.

Cabe a nós a responsabilidade pelo mundo gerado e daquele que podemos gerar com o conviver processual e contínuo. Ao fazer parte de um viver em construção, tendo como suporte a reflexão ecológica e ética, um modo de viver de cuidado e respeito com a biosfera, permite também que permaneça o respeito às individualidades em toda a teia de relações vitais. Essa ética de respeito, segundo Jonas (2006, p. 21) ultrapassa a sobrevivência física: “como se trata não apenas do destino do homem, mas também da imagem do homem, não apenas de sobrevivência física, mas também da integridade de sua essência, a ética que deve preservar ambas precisa ir além da sagacidade e tornar-se uma ética do respeito”. Essa ética se estende para além da existência natural do ser humano. Ela se estende e reconhece os profundos entrelaçamentos do ser humano para com as outras vidas e “coisas” da natureza. E, nesse processo de vir-a-ser, diferente, para um mundo diferente, a ética deve também ser diferente,

[...] já que a ética tem a ver com o agir, a consequência lógica disso é que a natureza modificada do agir humano também impõe uma modificação na ética. E isso não somente no sentido de que os novos objetos do agir ampliaram materialmente o domínio dos casos aos quais se devem aplicar as regras de conduta em vigor, mas em um sentido muito mais radical, pois a natureza qualitativamente nova de muitas das nossas ações descortinou uma dimensão inteiramente nova de significado ético, não prevista nas perspectivas e nos cânones da ética tradicional (JONAS, 2006, p. 39).

Um modo de viver inovador e ético ultrapassa a perspectiva da ética tradicional, já que a ética tradicional se baseia em uma cultura antropocêntrica e de exploração patriarcal como forma de garantir o crescimento econômico, mesmo que ameaçando os limites da biosfera. Uma manipulação exploratória e desrespeitosa desconsidera “a capacidade de regeneração da terra que já não consegue acompanhar a demanda: o

homem transforma os recursos em resíduos mais rápido do que a natureza consegue transformar esses resíduos em novos recursos” (LATOUCHE, 2009, p. 27). A ocupação humana, de mãos dadas com a tecnociência e a lógica da exploração econômica e simplificação da vida, precisa tornar-se convite para replanejar ações no sentido de revitalizar o que já foi explorado. Uma revitalização que passa pela reflexão e proposição de um diferente princípio, o da colaboração, como forma de permitir que a dinâmica da vida e sua permanência persista assegurada, como sonha Latouche (2009, p. 30)

[...] para manter a biodiversidade, é essencial poupar uma parte da capacidade produtiva da biosfera para garantir a sobrevivência das outras espécies, particularmente a das espécies selvagens. Essas reservas de biosfera devem ser equitativamente distribuídas entre os diferentes domínios biogeográficos e os principais biomas. Como o patamar mínimo dessa parte a ser preservada é avaliado em 10% do espaço bioprodutivo, seria sensato decretar desde já uma moratória para reservar o que ainda está disponível para as espécies animais e vegetais em questão.

Ou seja, não é possível explorar e tornar produtivas todas as áreas do planeta como muitos *slogans* sobre sustentabilidade, ainda defensores da lógica do crescimento salvacionista, propagam. Essa insistência além de limitar a vida, nega a convivência interdependente para descaracterizar as especificidades que constituem a vida. É possível a utilização de áreas sem a interferência exploratória e exaustiva, como também é relevante a revitalização de áreas degradadas. A dinâmica entre ocupação e preservação torna possível o também sonho de Gorz (*apud* LATOUCHE, 2009, p. 39) “Para viver melhor, é preciso daqui em diante produzir e consumir de outra maneira, fazer melhor e mais com menos, eliminando, para começar, as fontes de desperdício e aumentando a durabilidade dos produtos.”

São propostas de atitudes capazes de diminuir os impactos humanos sobre os recursos naturais. Sem uma lógica colaborativa, persistimos na criação de falsas concepções de crescimento, como escrevem Maturana et al (2009, p. 13) “Se alguém extrai os chamados recursos naturais mais rápido do que pode repor, gera pobreza; se lança resíduos em quantidades tão enormes que a terra não pode absorvê-los, ou resíduos evidentemente inabsorvíveis, gera destruição ambiental”.

As reflexões de Maturana e seus colegas convidam a pensar na *autopoiese*<sup>3</sup> humana, como a capacidade que o ser humano tem para produzir, não somente o próprio

---

<sup>3</sup> *Autopoiese* - denominada por Maturana (2001, p. 175) como a dinâmica de autoprodução celular que constitui a organização fundamental dos sistemas vivos.

alimento, mas também o acesso à alimentação saudável, em seu espaço vivencial e operacional. Essa parece ser uma das estratégias, embora de difícil consecução, para diminuir a desigualdade de acesso e também grande parte da degradação ambiental. Trata-se de um caminho inverso ao dos privilégios sustentados exclusivamente pela “lucidez” economicista, para um caminho de revitalização de muitas áreas improdutivas do nosso planeta.

### **3 Fortalecer e responsabilizar a ação humana**

Se nos primórdios da humanidade, temia-se à natureza e respeitava-se a vida, porque considerada um mistério diante de nossa incapacidade compreensiva, nas últimas décadas grande parte dessa fragilidade compreensiva foi superada. A humanidade, além de ter maior entendimento da natureza e da vida, agora faz uso da mesma. Os conhecimentos da bioengenharia tornaram possível inúmeras intervenções manipulativas, muitas das quais consideradas benéficas aos seres humanos e, outras, de grande impacto negativo. Juntamente com a manipulação genética de espécies animais e vegetais alargamos e agilizamos a produção de carnes, leite e também de grãos. A vida de muitas espécies animais ou vegetais foi transformada em objeto de uso, de manipulação e de exploração comercial.

A mesma bioengenharia alargou o tempo de vida, um uso mais específico de medicações no tratamento de doenças somáticas e psicoafetivas. Ainda assim, permanece forte o desencontro do ser humano para consigo mesmo, para com outros seres humanos, para com outros seres vivos e também para com os recursos naturais. A expansão do capitalismo, de mãos dadas com o controle, a vigilância e a punição, agora com base tecnológica, juntamente com a lógica imprescindível do constante crescimento da economia, persiste secundarizando a vida nas mais diferentes dimensões e formas existenciais. A submissão da natureza e a exploração dos recursos naturais, cada vez mais sagaz e de custos operacionais em baixa, pelo uso da tecnociência foi e continua sendo fundamental para elevar o acúmulo de capital e o poder de manipulação.

Jonas (2006, p. 21) alerta que, “concebida para a felicidade humana, a submissão da natureza, na sobremedida de seu sucesso, que agora se estende à própria natureza do homem, conduziu ao maior desafio já posto ao ser humano pela sua própria ação”. Esse desafio já não é mais o do sucesso do ser humano sobre a natureza, outrora motivo de

exaltação e ostentação, por torná-la mais acessível e, conseqüentemente, mais compreensível, mas da mudança das relações de exploração por relações de colaboração. A lógica da exploração e da manipulação, com a contribuição da tecnociência, impõe impactos cumulativos aos nichos vitais e ecológicos, nos últimos séculos, a ponto de se tornar insustentável.

Por isso, em várias organizações humanas a expressão ‘sucesso’ encontra-se em transformação conceitual. Na atualidade e, no contexto dessas organizações, o sucesso humano fundamenta-se no fortalecimento da capacidade de agir de forma responsável como forma de colaborar com a permanência da diversidade da vida. Para Latouche (2009, p. 45) “convém, sobretudo passar de uma crença na dominação da natureza para a busca de uma inserção harmoniosa, substituir a atitude do predador pela do jardineiro”.

Novamente, a aposta de Latouche é de uma cuidadosa percepção da dinâmica evolutiva da vida cujo fruto culminou no ser humano. Como ser alçado ao topo da evolução, pelo menos nesse momento, também se elasticam nossas responsabilidades. Jonas (2006, p. 31) recorda o famoso canto do coral da *Antígona*, de Sófocles, para exaltar as formas relacionais dos humanos em relação à natureza, quando respeitada em sua dinâmica:

Numerosas são as maravilhas da natureza, mas de toda a maior é o homem!  
Singrando os mares espumosos, impelido pelos ventos do sul, ele avança e arrosta as vagas imensas que rugem ao redor!  
E Gea, a suprema divindade, que a todas mais supera, na sua eternidade, ele a corta com suas charruas, que, de ano em ano, vão e vêm, fertilizando o solo, graças à força das alimárias!  
Os bandos de pássaros ligeiros; as hordas de animais selvagens e peixes que habitam as águas do mar, a todos eles o homem engenhoso captura e prende nas malhas de suas redes.  
Com seu engenho ele amansa, igualmente, o animal agreste que corre livre pelos montes, bem como o dócil cavalo, em cuja nuca ele assentará o jugo, e o infatigável touro das montanhas.  
E a língua, e o pensamento alado, e os sentimentos de onde emergem as cidades, tudo isso ele ensinou a si mesmo! E também a abrigar-se das intempéries e dos rigores da natureza! Fecundo em recursos, previne-se sempre contra os imprevistos só contra a morte ele é impotente, embora já tenha sido capaz de descobrir remédio para muitas doenças, contra as quais nada se podia fazer outrora.  
Dotado de inteligência e de talentos extraordinários, ora caminha em direção ao bem, ora ao mal... Quando honra as leis da terra e a justiça divina ao qual jurou respeitar, ele pode alçar-se bem alto em sua cidade, mas excluído de sua cidade será ele, caso se deixe desencaminhar pelo Mal.

Esse canto da *Antígona* indica o quanto aprendemos, de forma inteligente, a usufruir dos bens da natureza em favor da melhoria qualitativa das condições de vida.

Porém, ele também representa o uso da capacidade intelectual como fonte de poder para manipular, explorar e intervir nos destinos evolutivos de nossa existência e da existência de outras formas vivas.

Uma fonte de poder potencializada pelo uso de ferramentas (atual tecnociência) não mais de ampliação dos nossos sentidos, mas sim ferramentas que ampliam nosso potencial cognitivo. A mesma natureza, antes temida, porque desconhecida, está sendo manipulada e submetida por meio da “esperteza humana” que não cessa de criar artefatos cada vez mais potentes e ágeis para intervir e alterar a natureza. “A violação da natureza e a civilização do homem caminham de mãos dadas. Ambas enfrentam os elementos. Uma, na medida em que ele se aventura na natureza e subjuga as suas criaturas; a outra, na medida em que erige no refúgio da cidade e de suas leis um enclave contra aquelas” (JONAS, 2006, p. 32). A violação da natureza tornou possível a ampliação e o domínio e, conseqüentemente, a fragilização dos ambientes propícios à vida natural, nela existente.

A violação da cultural colaborativa, com todas as suas ramificações, levou a hierarquização da vida e colocou a vida humana em uma escala superior e, conseqüentemente, as demais formas de vida em escalas inferiores. A escala da sobrevivência humana relaciona-se à importância imediata do e para o ser humano, menosprezando o contexto de inter-relações da teia da vida.

Para Jonas (2006) os grandes centros urbanos, como criações humanas distanciam a vida humana das demais formas de vida. Criamos mundos tão artificiais que o natural se torna estranho e entorpece para o “progresso”. As cidades, com suas “magníficas” projeções arquitetônicas, são exemplos clássicos desse estranhamento. Criadas com formas, concebidas como perfeitas, insistem em passar a ilusão de evolução e poder, mas são efetivamente resultantes da miscigenação transformativa de produtos naturais pela tecnologia mecânica e eletrônica. Um sonho de crescimento, sucesso e suposta qualidade de vida capaz de desviar a atenção para as tantas outras dimensões da existência humana e da essência do conhecer e valorizar a vida. No contexto desses grandes centros urbanos, pessoas nascem e crescem isoladas da convivência capaz de criar sensibilizações para com a vida, enquanto no seu contexto natural de desenvolvimento. Incapaz de imaginar a teia de interdependências e das complexas dinâmicas que possibilitam o desenvolvimento de um ser vivo, também aquele que lhe serve de alimento diário, será muito difícil sensibilizar-se com a

importância dos recursos naturais, com a importância das diversas formas vivas, tanto as próximas como as distantes geograficamente.

As vivências em contextos artificiais, tidos como naturais, criam imaginários de plenitude, nos quais a supressão das demais formas vivas comparece como algo imanente ao novo sentido de viver, como expõe Jonas (2006, p. 44),

[...] a "cidade dos homens" outrora um enclave no mundo não-humano, espalha-se sobre a totalidade da natureza terrestre e usurpa o seu lugar. A diferença entre o artificial e o natural desapareceu, o natural foi tragado pela esfera do artificial; simultaneamente, o artefato total, as obras do homem que se transformaram no mundo, agindo sobre ele e por meio dele, criaram um novo tipo de "natureza", isto é, uma necessidade dinâmica própria com a qual a liberdade humana defronta-se em um sentido inteiramente novo.

Na “cidade dos homens”, um espaço distante da diversidade viva, a voz provocadora de Latouche (2009, p. XII) se faz ouvir para forçar uma severa revisão de conceitos: “Para onde vamos? De cara contra o muro. Estamos a bordo de um bólido sem piloto, sem marcha a ré e sem freio, que vai se arrebentar contra os limites do planeta”. O distanciamento da natureza, à luz da criação de mundos artificiais tanto materiais como psíquicos, distancia também dos tempos da vida e nos lança no universo de ações instantâneas e, por isso, de não compromisso com a consistência e o cuidado prudente que a vida requer. Nossa tese, afirma Jonas (2006, p. 57) “é de que os novos tipos e limites do agir exigem uma ética de previsão e responsabilidade compatível com esses limites, que seja tão nova quanto as situações com as quais ela tem de lidar”. Ou seja, um agir que permita a inovação e o uso das tecnologias, para reverter a dinâmica da autodestruição, que reforçamos a cada instante, para saciar, no exercício do poder e da manipulação, nossa instabilidade existencial. Então, segundo Jonas (2006, p. 47),

Um imperativo adequado ao novo tipo de agir humano e voltado para o novo tipo de sujeito atuante deveria ser mais ou menos assim: "Aja de modo a que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma autêntica vida humana sobre a Terra"; ou, expresso negativamente: "Aja de modo a que os efeitos da tua ação não sejam destrutivos para a possibilidade futura de uma tal vida"; ou, simplesmente: "Não ponha em perigo as condições necessárias para a conservação indefinida da humanidade sobre a Terra"; ou, em um uso novamente positivo: "Inclua na tua escolha presente a futura integridade do homem como um dos objetos do teu querer".

Para que esse possível seja realizável, a utilização de recursos da tecnociência, tão difundidas para facilitar a vida das pessoas, deve se tornar algo realmente inovador em relação ao consumo, ao desperdício e a degradação da vida. Porém, o que se percebe é que “o poder tecnológico transformou aquilo que costumava serem exercícios hipotéticos da razão especulativa em esboços concorrentes para projetos executáveis”

(JONAS, 2006, p. 63). No reverso dessa lógica reside a sensibilização realizadora das promessas da melhoria das condições de vida, como indicadora da fecundidade de uma racionalidade que incorpora todos os âmbitos da vida. Para não sucumbirmos diante do culto ao exclusivo crescimento econômico, Jonas (2006, p. 63) propõe uma alternativa importante como vivência ética de responsabilidade: a dimensão da humildade,

Quando, pois, a natureza nova do nosso agir exige uma nova ética de responsabilidade de longo alcance, proporcional à amplitude do nosso poder, ela então também exige, em nome daquela responsabilidade, uma nova espécie de humildade - uma humildade não como a do passado, em decorrência da pequenez, mas em decorrência da excessiva grandeza do nosso poder, pois há um excesso do nosso poder de fazer sobre o nosso poder de prever e sobre o nosso poder de conceder valor e julgar.

Esse diferente e novo agir ético não deixa de lado as evoluções tecnológicas, mas as utiliza em benefício de uma também diferente forma de geração e concepção de riquezas, onde o poder tecnológico não ultrapassa as fronteiras do limite suportado de forma saudável pela vida existente no planeta. “Já que é sensato contar com um crescimento da eficiência ecológica (aumento da biocapacidade, do rendimento das terras cultivadas, das pescas, das florestas etc.) graças a melhores tecnologias e a uma melhor gestão, a redução necessária será atenuada na mesma medida” (LATOUCHE, 2009, p. 45). Assim, a responsabilidade desse agir ultrapassa o instantâneo e o imediato, em busca da consistência que o fluir da vida tanto realiza para adaptar-se e readaptar-se numa construção que modifica o agora com o objetivo de proporcionar um amanhã também e ainda saudável.

#### **4 Educação: formação de responsabilização pelas ações humanas**

No processo de coordenação dinâmica da utilização adequada dos recursos naturais visando à construção de um futuro adequado as necessidades inerentes à vida, a educação, tanto formal quanto informal, desempenha um papel singular, não como redentora de todos os problemas relacionados ao desrespeito à vida, mas como um dos meios de desenvolvimento de seres humanos comprometidos com um futuro mais saudável. Óbvio que a educação, por si só, não tem a chave da salvação, pois ela é parte do problema. Educar é criar sensibilidade para, com muita humildade, renunciar a todas as formas de arrogância. Um compromisso que reconhece como complementares as demais áreas de conhecimento, a sabedoria popular, a sabedoria da natureza, para juntos arquitetar discursos e práticas vivenciais criadoras de sentido. Significa superar a cultura

instrumentalista da educação positivista para reavivar o cerne da formação humana. Uma educação como fenômeno complexo que permite a emergência de todas as potencialidades e dimensões humanas, também sua potência criadora.

São, por isso, desafios educacionais que requerem o fortalecimento pessoal e coletivo para mudanças culturais na compreensão dos modos de conviver. Maturana et al (2009, p. 37) afirmam que essa mudança “não ocorrerá espontaneamente; requer compromisso, a consciência de um ato intencional, requer que queiramos fazê-lo, requer uma mudança desde a reflexão que abre o espaço para a ação desejada a partir das ganas de fazê-lo”. Essas características desejantes e inerentes ao fazer, passam por construções e reconstruções de significados do viver de cada ser humano, desde seu nascimento. Ela requer a necessidade de contextos e relações familiares e comunitárias enriquecidos, desde a infância, por reflexões e práticas de respeito à vida. Porém, se na contemporaneidade encontramos, nesses ambientes, dilemas existenciais contrários ao respeito, isso não significa que não possa haver mudanças.

Assim, a revitalização educativa, visando uma responsabilização pelas ações humanas, implica reconhecer suas funções político-sociais, colocando essas dificuldades como preocupação central. Uma ética de responsabilização, como sonha Jonas (2006) envolve reflexões educacionais, filosóficas, antropológicas e ecoambientais, tomadas como um todo sistêmico e, capazes de criar esse sentido ético. Ou seja, a formação humana, para essa ética da responsabilização, traz à tona reflexões sobre condições concretas da vida humana em interdependência ambiental. Refletir sobre questões e decisões mais difíceis de nossa vida como a conservação do viver, a conservação do bem-estar em convivência, são provocações de Maturana et al (2009, p. 74)

A história dos seres vivos tem transcorrido num devir de contínua mudança em torno da conservação do viver; por que não poderíamos nós seres humanos gerar uma história cultural de contínua mudança em torno da conservação do bem-estar no respeito mútuo e na co-inspiração reflexiva, que leva a conservar esse conviver e a corrigir os erros que nos afastam dele em todas as redes de conversações que venhamos a gerar?

A perspectiva da mudança pode ser construída, se reconhecermos os equívocos inerentes ao atual modo de viver. Equívocos relacionais sustentam e conservam a lógica exploratória e manipulativa. A corresponsabilização educativa pode fomentar a mudança de mentalidade, como novamente capaz de proporcionar a interação com mundos de relações saudáveis. A educação, como processo de formação proporciona transformações na convivência entre adultos e crianças, como reforçam Maturana et al

(2009, p. 39) “Os meninos, meninas, jovens e maiores de idade se transformam com as pessoas adultas com os quais convivem. Em termos do espaço psíquico, mergulham nas conversações da vida das pessoas adultas [...] e vão depender do que aconteça na educação da psique da pessoa adulta”.

Na educação formal a ressignificação da compreensão formativa permite construir formas de viver tendo a experiência da discussão ética como próxima dos problemas que perturbam a vida. Assim, oferecer experiências formativas que tenham reflexos duradouros e para toda vida, passa pela reflexão e ações de responsabilidade. Então, importa desenvolver “uma educação que nos leve a atuar na conservação da natureza, a entendê-la para viver com ela e nela sem pretender dominá-la, uma educação que nos permita viver na responsabilidade individual e social que afaste o abuso” (MATURANA, 1998, p 35). Nessa perspectiva educacional os chamados “líderes” terão o conhecimento da interdependência de todas as formas vivas para com seus nichos vitais para então primar pela construção da autonomia local, com a ausência de hierarquias, pois,

Os "líderes" nas posições hierárquicas visíveis simplesmente não têm o poder de alterar as forças sistêmicas com as quais conservamos o espaço entre os ricos e pobres, destruimos os ecossistemas e as espécies, o uso da água além do que é possível regenerar em certas regiões, a destruição da terra (dos cultivares), a geração de lixo e de tóxicos, e a geração de CO<sub>2</sub> em excesso em relação ao que a natureza pode absorver (MATURANA et al, 2009, p. 54).

Ou seja, quanto mais próximo dos problemas sociais e ambientais, a formação será mais eficaz. Com base em experiências formativas as crianças podem agir no contexto das forças sistêmicas, na dimensão da responsabilidade, como aposta Latouche (2009, p. 64) “O programa da realocização que implica a busca da autossuficiência alimentar em primeiro lugar, depois econômica e financeira. Conviria manter e desenvolver a atividade básica em cada região: agricultura e horticultura, de preferência orgânica, respeitando as estações”.

Para Hermann (2010, p. 104) “A exigência ética da educação pode, então, se efetivar enquanto uma arte de viver”. Certamente uma estratégia formativa que permite imaginar-se no lugar do outro, no lugar de outras formas vivas, para então respeitar a arte dos recursos naturais que viabilizam a vida, entendidas não mais como um simples aglomerado de objetos justapostos, mas um todo integrado. Essa ética, no contexto da arte de viver, se realiza no universo de reflexões e práticas educativas conectadas às

dinâmicas das concretas condições de vida. Uma formação reflexiva quiçá apoiada na filosofia, como expressa Nussbaum (2003, p. 21)

Quem se dedica a escrever ou ensinar filosofia é uma pessoa afortunada como poucos seres humanos o são, ao poder dedicar sua vida à formulação dos pensamentos e sentimentos mais profundos acerca dos problemas que mais a têm motivado e fascinado. Mas esta vida estimulante e maravilhosa é também parte do mundo em seu conjunto, um mundo em que a fome, o analfabetismo e a doença são a sina diária de grande parte dos seres humanos que ainda existem, assim como causas da morte de muitos que não existem ainda. Uma vida de ociosa e livre expressão é, para a maioria da população mundial, um sonho tão distante que raramente se chega a conceber. O contraste entre essas duas imagens da vida humana conduz a uma pergunta: Que direito tem alguém de viver num mundo feliz, que pode expressar-se livremente, enquanto exista o outro mundo e alguém seja parte dele?

Em contextos tão abrangentes e recheados de problemáticas da vida cotidiana, a reflexão profunda e complexa é uma exigência educativa. Uma potencial oportunidade para consolidar experiências de formação que impeçam a continuidade da fria e brutal lógica que desdignifica a vida humana, a vida de outras formas vivas e a dinâmica presente nos recursos naturais.

Respeitar o fluir da vida pode torná-la mais eficiente e saudável. É um encontro repleto de potencialidades com escreve Thoreau, no *Refúgio nos Bosques*. Para ele a natureza, o entorno ambiente compõem uma experiência pessoal e direta, alicerçada na emoção, quando escreve:

É delicioso o entardecer, quando o corpo inteiro é um só sentido e aspira deleite através de cada poro. Com estranheza, vou e volto pela natureza, da qual sou parte integrante, enquanto caminho em mangas de camisa pela margem pedregosa do lago, embora faça frio e esteja nublado e ventando, e não veja nada de especial a me atrair, todos os elementos me são extraordinariamente afins (THOREAU, 1984, p. 126).

Para Thoreau a dimensão de uma ética voltada para a vida está nesse encontro e na riqueza desses contatos de profunda intimidade com o entorno ambiente. Nós humanos “sabemos que sabemos que podemos fazer qualquer coisa que queiramos fazer se o quisermos fazer; e sabemos que sabemos que se quisermos fazê-lo podemos entrar na busca ou no desenho intencional de fazer adequado o que nosso saber e nosso entender e compreender nos indicam” (MATURANA et al, 2009, p. 67). Mais do que apostar na solidez dos racionalismos manipulativos, como garantias de solidez, permanência e segurança, é importante dar-se conta de que a dinâmica da vida se realiza nas clivagens da interdependência. Por entre as bordas e fluxos relacionais ocorrem as mudanças estruturais, mas também as mudanças formativas. Desse modo, educar, tendo

a ética como arte de viver, é uma dinâmica de composição, mas também de decomposição de modos de vida que surgem no conviver cotidiano.

Talvez persista, ainda por muito tempo, o indeterminismo explicativo das dinâmicas relacionais que permitem o suceder dos seres vivos e também dos modos de vida dos seres humanos em particular. Assim, uma ética para a vida, em substituição às éticas abstratas e antropocêntricas, terá emergência espontânea se reconhecermos o profundo entrelaçamento com a totalidade universal, orgânica ou inorgânica. Compreender a profundidade dessa ética para vida é um desafio educativo para também compreender nossos modos de viver. O desafio dessa educação é com a criação de pessoas honestas, solidárias e respeitosas da natureza. Um modo de viver que ocorra com significado ético, significado ecológico, significado de cuidado, significado de encontro na responsabilidade pelas noções fundamentais das ações que realizamos como criadoras de nossos modos de viver.

## Referências

CARSON, R. *Primavera Silenciosa*. Tradução de Raul de Polillo. ed. 2. São Paulo: Melhoramentos, 1962.

HERMANN, N. *Autocriação e horizonte comum: ensaios sobre educação ético-estética*. Ijuí: Editora Unijuí, 2010.

JONAS, H. *O Princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Tradução de Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto, PUC-Rio, 2006.

LATOUCHE, S. *Pequeno tratado do decrescimento*. ed. 1. Tradução Cláudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

MATURANA R., H. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Tradução: José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MATURANA, R., H et all. *Matriz ética do habitar humano*. Santiago de Chile. 2009. 154 p. Disponível em: <<http://escoladeredes.net/group/bibliotecahumbertomaturana>>. Acesso em 25 jun. 2012.

MONOD, J. *O acaso e a necessidade*. Europa-América, 2002.

MORIN, E. *O método II: a vida da vida*. ed. 2. Tradução de Maria Gabriela de Bragança. Portugal: Publicações Europa-América, 1980.

MURPHY, M. & O'NEILL, L. *O que é vida?* São Paulo: UNESP, 1997.

NIETZSCHE, F. W. *Assim Falou Zarathustra*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1989.

NUSSBAUM, M. *La terapia del deseo*. Trad. de Miguel Candel. Barcelona: Paidós, 2003.

THOREAU, H. D. *Walden e a vida nos bosques*. São Paulo: Ed. Global, 1984.